

Manuel Alegre

CÃO COMO NÓS

Novela

20.^a edição



1.

(Sei que andas por aí, oiço os teus passos em certas noites, quando me esqueço e fecho as portas começas a raspar devagarinho, às vezes rosnas, posso mesmo jurar que já te ouvi a uivar, cá em casa dizem que é o vento, eu sei que és tu, os cães também regressam, sei muito bem que andas por aí.)

2.

Não era um cão como os outros. Já o meu pai o dizia, quando caçávamos às codornizes nos campos de Águeda.

– Este cão é um grande sacana, caça um bocado e depois põe-se a fazer a parte, olha para ele, está-se nas tintas para as codornizes e para nós.

Era uma das suas características, fazer ouvidos moucos, aparentar indiferença, fosse por espírito de independência fosse porque gostava de armar à originalidade. Mais tarde um dos meus filhos diria que o cão tinha apanhado os tiques de certas pessoas da família, numa alusão indirecta ao avô e a mim, esquecendo-se que era a ele próprio a quem o cão mais imitava.

Mas era, também, um cão capaz do inesperado, como, de repente, levantar uma narceja.

Então o meu pai comovia-se:

– Este filho da mãe podia ser um bom cão, é pena não estar para isso.

Mas não estava, essa era a questão. Ele nunca estava para aquilo que dele se pretendia. Desobedecer era a sua divisa, a gente a chamar e ele a fazer de conta. Desde que chegou, ainda cachorro.

– De se comer, dizia Mafalda, minha mulher, embevecida.

Mas à noite, logo que se fechou a porta da cozinha, começou o fadário, palavra que minha mulher repetiria durante muitos anos. O fadário tanto podia ser ele raspar a porta até ficar com as unhas em sangue, como uivar até que alguém aparecesse. Mesmo que fosse para lhe dar umas sapatadas. Parece que gostava, pelo menos preferia isso a estar fechado e sozinho. Queria que lhe prestassem atenção, ser o centro, ainda que para tal, mesmo já depois de muito ensinado, tivesse que mijar o chão da cozinha ou, em ocasiões de especial susceptibilidade, o tapete da sala.

Então, a minha mulher dizia como quem carrega uma cruz: Isto é um fadário.

E ele abanava o rabo, todo contente. Tinha conseguido o que queria: a atenção da dona,

a quem acho que considerava mãe. Por isso lhe queria tanto e a atormentava até mais não. Mas não só a ela. A todos nós. Era talvez um excesso de paixão misturado com altivez e alguma perversidade.

– Vem cá.

É o vens.

– Vai-te embora

E ele vinha.

– Fica

E ele virava as costas.

– Em pé

E ele deitava-se.

Talvez fosse da raça, épagueul-breton, L.O.P., de manchas castanhas e uma espécie de estrela branca no meio da cabeça, por sinal muito bonita.

– Puro demais, dizia o meu pai. Este cão tem a mania que é fino.

Fino e fidalgo. Lemos livros e revistas sobre a raça, todos sublinhavam o carácter afectivo destes cães que só são felizes quando ao pé do dono.

Esqueciam o resto, a rebiteza, a dificuldade em obedecer, a inquietude, o exibicionismo. Ou então era este que era diferente. O

sonho dele era dormir no mesmo quarto, senão na mesma cama de um de nós. E ter alguém, especialmente a dona, a tratar dele. Queria estar sempre junto de um de nós, principalmente daquele que o não quisesse ao pé de si. E não podia ver uma porta fechada. Começava logo a raspar.

– Este cão tem um problema, disse por fim o meu pai, está convencido de que não é cão.

3.

(Esta noite atiraste ao ar a tigela da água, como costumavas fazer sempre que estava vazia, esqueci-me de enchê-la, ouvi-te perfeitamente a sacudi-la, estavas a chamar por nós, não disse nada a ninguém, ainda vão julgar que estou a ouvir coisas, mas logo não me esquecerei, podes estar descansado, quando vieres verás que a tigela está cheia, se a dona perguntar por que lhe ponho água, direi que são hábitos, ou talvez não, talvez lhe diga a verdade: O cão está cheio de sede.)

4.

Até o nome era esquisito. Quando chegou, andavam os meus filhos entusiasmados com a estória do Kurika, de Henrique Galvão.

– Como é que querem chamar-lhe?, perguntou a mãe.

– Kurika, responderam os rapazes.

E assim ficou: Kurika, nome de leão. Que, diga-se de passagem, ele imitava. Não que soubesse, embora parecesse que sim. Pelo andar, pelo rosnar que pendia para o rugido, por um não sei quê que lembrava a majestade leonina.

– Kurika!

Ele erguia a cabeça e deixava-se ficar, as patas dianteiras cruzadas, como um leão sentado no seu trono imaginário.

5.

(Hoje foi de manhã, um pouco antes da Goreti chegar, não sei como conseguiste safar-te, andavas no corredor de um lado para o outro, de repente ouvi-te ladrar nas escadas de serviço, como dantes, como sempre, só que desta vez não foi ela a abrir-te a porta, quem terá sido?)

6.

Veio antes de a minha filha nascer. Mas não teve ciúmes dela, recebeu-a como um novo membro da família. Porque era assim que ele se sentia, membro da família, cão como nós. Se para ele a minha mulher era mãe, os filhos eram irmãos. Valha a verdade que era assim que os rapazes o viam: como um irmão. Muito mais tarde, quando o Kurika teve o primeiro ataque, Afonso, o filho do meio, com ele ao colo, dir-me-ia:

– É um irmão.

A relação mais complicada era comigo. Não só entre mim e o cão, mas entre mim e a família por causa do cão. Nunca me olhou como pai, nem eu lho consentiria. Cão é cão. E só muito a custo se foi resignando a aceitar-me como dono. Talvez porque eu o fizesse

sentir mais cão do que ele gostaria de ser, o seu comportamento em relação a mim foi, durante muito tempo, contraditório, oscilava entre a submissão e a revolta, a fidelidade e a independência, entre o cão e não cão. Eu também não estava disposto a abdicar e, assim, na sua relação comigo, prevaleceu sempre o seu destino de cão. É certo que às vezes me rosnavam. Mas um cão não rosna ao dono, mesmo que se trate de um cão com a mania que o não é. Por isso tinha que o meter na ordem. O que às vezes fazia, confesso, com algum prazer, revoltado com as liberdades que ele se permitia com o resto da família. Então era preciso repor a hierarquia, eu era o dono, ele era o cão, eu levantava a mão e ele agachava-se.

– Fica!

E ele ficava mesmo, nem que tivesse que o empurrar para baixo até ele se deitar, sempre contrafeito, olhando-me de esguelha, jamais convencido de que entre humanos e cães há uma diferença e que essa diferença é favorável aos primeiros. Era um cão rebelde, teimoso, de certo modo subversivo. Às vezes insuportável.

– Como nós, diriam depois os meus filhos.

7.

(É capaz de haver moira na costa, andas outra vez a passar as noites com o focinho encostado à porta e a gemer, há por aí cadela saída, não me admirava que fosse a do prédio do lado, aquela que morreu no ano passado.)